

Mundo de formas. Apresentação do dossiê “A estética e os ameríndios, ou Strathern nas Américas”

Lucas da Costa Maciel¹

Ao encerrar um artigo dedicado à revisão bibliográfica das produções etnológicas em torno das chefias e da política ameríndia na América do Sul durante o período de 1996-2016², Guerreiro (2018: 63) propõe uma saída para alguns dos dilemas que perpassam as descrições etnográficas sobre o tema: investigar as *formas* ameríndias para descrever e refletir acerca da política, entendendo essa última como uma equivocação (Viveiros de Castro, 2004). Além da oposição entre sociedades com Estado e sociedade contra ele, tornada um eixo fundamental das pesquisas e elaborações etnológicas a partir das teses de Clastres (2013), estão entre os dilemas apontados por Guerreiro (2018: 64) “[...] as relações entre centralização e faccionalismo, hereditariedade e fabricação, [e] hierarquia e igualdade [...]”. Ademais, tanto a aparente condição ambígua da chefia (o chefe é um externo, mas também um interno) quanto os tipos de associações produzidos pelos etnógrafos (como a pressuposição de hierarquia como dominação, por exemplo) são elementos que, segundo o autor, demandariam um exame minucioso. Entre outras coisas, parece-me que o exercício proposto nos demanda uma recalibragem das *formas descritivas* através das quais interrogamos e tratamos das *formas ameríndias*.

A aposta de Guerreiro (2018: 64), que replicamos aqui como um convite aos experimentos textuais que compõem este dossiê, está no tratamento da *forma* como uma “ferramenta teórico-conceitual potente”. Retomando a reinvenção stratherniana do conceito de estética, o autor sugere que a política ameríndia poderia ser inquirida a partir das *formas* que ela assume, tornando-se um campo produtivo de acesso e descrição das suas relações. Uma metodologia estética para a pesquisa etnológica permitiria, entre outras coisas, atender àquilo que foi descrito como um movimento pendular entre concentração e dispersão social (cf. Perrone-Moisés, 2011; Sztutman, 2012), mas que ainda assim assume tais formas como polos de um mesmo sistema – descrito a partir de inspirações clastreanas. Segundo Guerreiro, atentar para a estética da chefia em diferentes engajamentos relacionais possibilitaria explorar não só os momentos de engrandecimento

1 Doutorando em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: lucas.maciel@usp.br.

2 O artigo aqui referido faz parte de um dossiê organizado por Artionka Capiberibe e publicado na Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais – BIB. Além do artigo de Guerreiro sobre política e chefia, o dossiê inclui balanços bibliográficos de autoria de Óscar Calavia Sáez, sobre xamanismo, de Maria Rosário de Carvalho e Edwin Reesink sobre etnologia no Nordeste do Brasil, de Nicole Soares-Pinto, sobre parentesco, e de Els Lagrou e Lucia Hussak van Velthem, sobre artes indígenas, além da apresentação da própria Artionka Capiberibe.





– se bem entendo, a lógica por trás das relações de magnificação (Fausto, 2008) e de minificação (Bonilla, 2005)³ – mas de dissolução das assimetrias e a condução às formas simétricas no que se refere à política ameríndia.

Para além disso, acredito, uma pesquisa estética permitiria esquadrihar as diferenças entre assimetria e simetria com a precaução de atentar para divergências entre interpretações do que sejam interpretações, nos termos da provocação feita por Soares Pinto (2018: 115). Nesse sentido, trata-se menos de definir relações e interpretá-las, elucidando modelos ou configurações relacionais específicas, do que mostrar como se apresenta uma matriz relacional, isto é, as formas atualizadas sob as quais ela se faz aparecer. Desse modo, uma pesquisa informada pela noção stratherniana de estética permitiria reconhecer que uma ou outra forma são aparecimentos de uma matriz relacional com vistas a beneficiar relações, de modo que essas não configuram, em si, elementos que possam ser generalizados, capazes de dar conta, seja como explicação, seja como características tipológicas, de suas matrizes. O foco se põe, portanto, sobre a transformação das formas, tema que percorre todas as elaborações das colegas que se somaram ao esforço de ensaiar *formas descritivas* a partir das *formas ameríndias*.

De modo geral, os textos que conformam esse dossiê buscam experimentar a partir dessas ideias. São esforços de redescrição etnográfica que têm em vista os alcances e os limites de uma preocupação estética pelas relações, essa última emergindo do encontro com a linguagem relacional de Marilyn Strathern. Nesse sentido, engajam as descrições dos materiais ameríndios com a mudança de perspectivas entre doadores e receptores de dádivas no *moka hagen* (cf. Strathern, 2014: 380) e com o recalibramento das relações simbólicas embutidas nas descrições etnográficas⁴ (cf. Strathern, 2009).

Segundo Strathern, a dádiva constitui “[...] *tout court*, a circulação de objetos em relações com vistas a produzir as relações em que os objetos possam circular” (2009: 328). Assim, as operações de troca correspondem ao efeito antecipado de novas operações ainda por vir: uma ação ou técnica em que os objetos de uma troca incluem a antecipação das trocas que se seguem. Dito desse modo, o problema da dádiva melanésia parece ser a implicação de que todo objeto de relações contém outras relações que se pressupõem, umas criando a existência das outras, de tal sorte que objetos (e pessoas) apontam para sequências relacionais que dão forma à sua objetificação. Quando veem objetos através da sequência de trocas, são as relações que aparecem para os Hageners, de modo que as dádivas “[...] são imagens do colapso possível em si mesmo de qualquer relação de separação entre causa e efeito” (2009: 329).

A dádiva que se troca – e porque foi trocada – inclui em si a *forma* eficaz em que as

3 Termo criado por Luiz Costa para expressar procedimentos análogos àqueles descritos por Bonilla sobre os Paumari, por exemplo.

4 Um dos eixos fundamentais do argumento de Strathern (2009) é o de que o modo de conceber as relações descansa na forma pela qual se concebem os fundamentos das construções simbólicas. Se no mundo euroamericano um símbolo está apto a relacionar-se com outro por meio da representação ou da transformação, a empreitada da autora é a de mostrar como símbolos Hagen se vinculam na sequência de trocas cerimoniais.

relações se colocam em sequência, as que antecedem e as que procedem entre si como algo que circula entre perspectivas. Estética enquanto inquérito da dádiva melanésia – aquela que é ao mesmo tempo produtora e produto de relações – aponta para o registro formal das transformações de perspectivas entre as partes de uma troca – ora doadores, ora receptores. Assim sendo, a reinvenção do conceito de estética por Strathern informa sobre como relações sociais são reveladas – objetificadas, e, portanto, tornadas eficazes – de uma determinada *forma* e não de outra. Assim,

Pessoas (relações) só podem aparecer se assumirem uma forma. A necessidade de exhibir uma ou outra condição – sempre só é possível ser uma ou outra – significa, portanto, que estar num estado presente é não estar mais no estado anterior [...] (2009: 330).

Nos argumentos da autora, relações sociais são objetificadas de tal modo que elas aparecem como coisas ou pessoas. Mais do que isso, no entanto, elas são assim objetificadas porque concentram em sua *forma* a possibilidade de que relações sejam mostradas, o que implica, na teoria da ação embutida no argumento, que elas sejam ativadas. Assim, o direcionamento da ação de alguém se assenta sobre a forma que ela assume ao agir, de modo que a ação das pessoas corresponde a um ato de fazer aparecer umas e não outras relações, marcando-as para incitá-las a emergir (cf. Strathern, 2015). Em outros termos, o problema parece menos o de dizer o que determinada coisa ou pessoa é, mas o de indicar o que ela inclui enquanto registro de transformações numa sequência relacional. Assim, a *forma* das relações (estética) que as torna aparentes é a condição relacional que evidencia coisas e pessoas como resultado de relações e como extração de efeitos sequentes de outrem, mas já previstos na *forma* de seu aparecimento.

Transpondo essa linguagem para os dilemas indicados por Guerreiro, a intuição seria menos a de que simetrias e/ou assimetrias caracterizariam as relações políticas ameríndias, mas que elas configurariam modos de aparecimento de suas relacionalidades, isto é, formas por elas assumidas para registrar e objetificar algumas de suas constituições relacionais a fim de mostrar e angariar ações pressupostas em suas formas. A ser etnograficamente perscrutada, essa intuição tem a dificuldade de equalizar uma teoria da ação ameríndia com aquela melanésia. Ainda que alguns pesquisadores e pesquisadoras tenham realizado associações importantes entre os esquemas da ação melanésia, tais como etnografados por Strathern, e as formas políticas ameríndias (cf. Kelly, Matos, 2019) – mesmo que, parece-me, tal teoria da ação deveria ser extraída mais do que mobilizada frente ao material americanista –, insistindo no potencial descritivo das relações entre “fazer com o outro em mente” e entregar (cf. Maciel, 2018; Madi Dias, 2017; McCallum, 2001), é evidente que uma pesquisa estética sobre as formas relacionais ameríndias precisa passar por uma reconsideração às vistas de uma teoria da ação que condiga com o modo de agir e refletir desses povos. Em certa medida, essa é uma precaução frente a determinadas assunções de universalismos, e esse dossiê também nos ajuda nesta empreitada.

O texto de Vicente Cretton Pereira (2020) explora, através de conexões com o conceito





de estética, a constituição daquilo que os Mbya Guarni chamam de *tape porã*, e que o autor traduz como “bom caminho”. Para tanto, explora as características pessoais e corporais, associadas à escuta e à percepção corporal, que permitem os atravessamentos de outros sujeitos e objetos, beneficiando ou prejudicando a pessoa. Esse ponto é fundamental, explica-nos o autor, porque o “bom caminho” mbya guarani depende de um vínculo com seu inverso, o *nhembotavy rei*, “errar à toa”, isso porque não seria possível alcançar uma boa caminhada sem experimentar os erros do caminho. Tal exploração é etnograficamente conduzida através da replicação daquela que, segundo Pereira, é a pergunta que melhor elucida os argumentos de Strathern: “o que podem as relações?”.

Para tratar do problema, o autor recupera o eixo central da teoria da ação melanésia: pessoas e coisas possuem o valor de pessoas, de modo que tanto os objetos têm identidades sociais quanto as relações assumem a forma de objetos a serem trocados. É essa teoria da ação que sustenta a metodologia estética de Strathern: a ação social coloca ênfase em determinadas relações, de modo que o aparecimento torna visíveis umas e oculta outras relações (2009: 272). Retomando a relação entre figura e fundo, utilizada por Wagner (2012) ao tratar das dinâmicas entre invenção e convenção, Pereira nos recorda que mostrar certas relações, enquanto outras são ocultadas, corresponde a dizer que aquelas se tornam a figura de um fundo relacional mais amplo. Esse é um argumento importante, inclusive para as etnografias dedicadas a pensar arte e ritual, como mostram os textos da coletânea organizada por Olivier e Neurath (2017).

Redescrita como uma relação de figura e fundo, a estética mbya atua como um mecanismo de composição de relações com os deuses, conduzindo ao bom caminho. “Como na Melanésia”, nos conta Pereira, “temos aqui uma compreensão da ação social como efeito ou apresentação que busca mudar aspectos da realidade social de forma criativa [...]” (2020: 9). Isso é feito através do corpo: é ele que se coloca em evidência como lugar de recepção – pela escuta, percepção e sentir corporal, entre outras coisas – do conhecimento que tanto angaria como se desdobra das relações com os deuses, objetificando-as. Assim, o aprendizado se dá através dos vínculos entre corporalidades humanas e não humanas, mostradas de um e não de outro modo. Por estética mbya, Pereira entende “[...] seu modo particular de definir quais relações devem ser postas em evidência da maneira adequada” (2020: 15).

Vinculando tal estética a uma forma mbya de bem viver, as elaborações etnográficas de Pereira aplicam uma torção sobre o conceito stratherniano de estética. Se nesse se enfatiza sobretudo seu aspecto formal, o material mbya guarani parece exigir do conceito uma nova faceta, em que a forma não está desvinculada daquilo que o autor chama de moralidade. Se em Strathern o conceito de estética é descritivo – coloca nome sobre um procedimento na medida em que se torna o próprio procedimento –, o texto de Pereira torna nativo o conceito. Isto é, ainda que não seja um termo usado pelos Mbya para tratar de suas relações, Pereira preenche o experimento descritivo propiciado pelo conceito com os requerimentos guarani. Se começamos o texto com Strathern e os problemas da descrição, ao final dele são os deuses e os Guarani que nos dizem

do que se trata estética.

As relações entre seres humanos e não humanos também são o objeto de exploração do artigo de Florencia Tola e Sonia Sarra (2020). Partindo de suas experiências etnográficas com os povos *toba-qom* e guarani da região do Chaco argentino, as autoras perscrutam as formas das mencionadas relações em termos das figurações que elas assumem. Preocupadas especialmente por aquilo que evocam, as autoras mostram que, no Chaco, as figurações colocam ênfase sobre vínculos entre humanos e não humanos que dão contornos ao mundo na medida em que comunicam capacidades tidas como interiores aos seres. No entanto, tais formas são marcadas por um caráter de instabilidade que não é casual, mas que aponta para o dinamismo do mundo.

O material etnográfico sobre o qual Tola e Sarra se detêm a pensar está composto por desenhos em papel realizados por um aprendiz de xamã *qom* e uma série de máscaras elaboradas para o ritual guarani do *arete guasu*. As autoras o entendem como figuração, partindo da definição dada por Descola:

[...] a operação universal através da qual os objetos materiais são transformados em agentes da vida social porque a eles é dada a função de evocar, com mais ou menos semelhança, um protótipo real ou imaginário (2011: 17).

Valendo-se de uma oposição entre interioridade e exterioridade para se referir àquilo que é mostrado e àquilo que se mantém imperceptível, as autoras argumentam que a figuração também permite tornar visíveis aspectos interiores através da incorporação em envoltórios físicos. Em outros termos, a figuração tornaria visível aquilo que corriqueiramente não se vê.

Nos descrições das autoras, as máscaras guarani apontam para a objetificação de um ancestral através do corpo vivo de quem as utiliza. No entanto, ao encarnar o ancestral, esse termina incidindo sobre a pessoa que o encarna, causando-lhe uma série de efeitos e transformações, de modo que ser suporte para a encarnação implica numa mudança constitutiva de quem o faz. Os argumentos das autoras estabelecem interessantes paralelos com o modo pelo qual as máscaras fazem aparecer os espíritos nos rituais waujá de *apapaatai*, conforme as descrições de Barcelos Neto (2008). Já os desenhos do xamã *qom* indicariam um modo de vínculo com seres não humanos que não só estão dotados de intencionalidade, mas de uma agência capaz de incidir sobre os seres humanos.

De certa forma, o argumento das autoras parece referendar a eficácia da forma apropriada, tal como nas descrições de Strathern: fazer aparecer relações implica produzir efeitos de distintas ordens, isto é, extrair consequências que se embutem no mostrar. Nesses termos, o que Tola e Sarra nos apresentam é o quanto a figuração se torna um elo numa cadeia de relações entre humanos e não humanos: ela materializa essas relações em uma de suas formas possíveis. Aqui se insere uma importante contribuição das autoras: a combinação entre estéticas apropriadas, como modo de mostrar relações com vistas aos efeitos que extraem, e a instabilidade das formas, elemento





fundamental daquilo que as autoras chamam de “ontologias altamente transformacionais”. Se a forma das relações é um registro de suas transformações, como nos indica Strathern, Tola e Sarra nos mostram que o material ameríndio evoca a constituição de uma rede relacional – aquilo que Escobar (2017: 8) chama de relacionalidade radical – em que os nós se atravessam. Se há transformações para serem registradas pelas formas, elas se devem à qualidade porosa dos seres entre os povos do Chaco. Assim, mostrar-se de determinado modo modifica a constituição de outro ser, tanto entre humanos, quanto entre não humanos, ou entre aqueles e estes, de modo que relações objetificadas apontam para potencialidades em circulação entre seres humanos e não humanos.

No entanto, alertam-nos as autoras, os desenhos *qom* e as máscaras guarani não se equivalem. Enquanto aqueles figuram entidades subjetivadas, estas correspondem a objetos subjetivados em si mesmos, apontando para uma diferença ontológica de fundo que não pode ser ignorada – mesmo quando a descrição foca em seu critério formal. Isto é, se um inquérito etnográfico centrado no problema estético permite esquadriñar a forma das relações em ambos os casos, há entre eles uma diferença de mundo que não pode ser ignorada. Se as formas ativam processos e extraem consequências ao se objetificarem, é porque condições ontológicas assim as determinam. Esse é um alerta que o americanismo não pode perder de vista.

O artigo de Maria Raquel da Cruz Duran sobre o *godidigo*, os desenhos ejiwajegi/kadiwéu, dialoga diretamente com o exercício etnográfico executado por Tola e Sarra. Em seu texto, Duran argumenta que o *godidigo* pode ser compreendido como uma pessoa que tanto estabelece relações quanto coloca pessoas em relações. Isto é, como um alguém – ou um algo, invalidando a própria diferença entre eles – que assume a posição de *ente* – aquele que estabelece relações – e de *entre* – a própria relação, portanto. Partindo da descrição de três festas ejiwajegi/kadiwéu, Duran nos mostra como coisas/pessoas resultam de e tomam parte em relações, constituindo-se como objetificação das mesmas. O exercício que ela propõe está centrado no desafio de refletir ao redor da existência de uma “pessoa-pintura”, de modo a redescrever o material já tratado por ela em sua tese doutoral (cf. Duran, 2017).

Segundo a autora, “o que a pintura ejiwajegi/kadiwéu faz nas festas [...] é uma ativação das relações ou das capacidades internas já existentes nas pessoas/objetos que a recebem” (2020: 4), argumento que se avizinha àquele de Tola e Sarra sobre as figurações *qom* e guarani. Assim, Duran nos diz que a pintura incita nas pessoas/objetos

[...] suas habilidades de relacionarem-se com conjuntos distintos de pessoas/objetos a partir da potência que a pintura-pessoa as/os deu, formando assim novos mundos ou novas possibilidades de relações [...] (2020: 4).

Aqui como antes, formações relacionais que se objetificam para beneficiar novas relações também apontam para a formação de mundos. É sobre o estatuto dos existentes que Duran – assim

como Pereira, Tola e Sarra – está tratando quando investiga uma estética ameríndia. Segundo ela, é a pintura-pessoa que completa e torna apta a pessoa ejiwajegi/kadiwéu: assim a autora descreve a presença do *godidigo* na festa da moça, quando esta se pinta. Novas socialidades são produzidas ao inscrever o *godidigo* sobre a pele da moça porque o corpo paramentado torna visíveis múltiplas relações.

O ponto de partida do texto de Leif Grünewald é aquilo que o autor chama de “idioma ayoreo da pobreza”. Mais especificamente, relaciona a noção de estética com a descrição de um sistema de transformações ayoreo marcado por posições específicas e por possibilidades de variações experimentais. Para tanto, o autor recupera a ideia, manifesta por Strathern, numa entrevista concedida a Fausto e Viveiros de Castro, de que “[...] as coisas que vivem na cultura – ou na vida – vivem porque elas têm uma forma particular, e elas persuadem porque tomam uma forma particular” (Strathern, 1999: 167). Segundo Grünewald (2020: 4), a noção stratherniana de estética evidencia o modo em que pessoas e atos se tornam conhecidos, isto é, como efeito das relações. Dar-se a conhecer é mostrar-se como efeito de relações e, nesse sentido, como uma qualidade delas.

Ciente dos fundamentos etnográficos dos argumentos de Strathern, o autor se pergunta como fazer para examinar as formas sociais a partir de um inquérito estético tendo como ponto de partida a diferenciação e a variação tão fundamentais às especulações ameríndias (cf. Kopenawa & Albert, 2015, por exemplo). Mais do que isso, no entanto, como executar tal empreitada sem presumir uma universalidade por trás da capacidade descritiva oferecida pelo conceito de estética. Se esse informa sobre relações que devem ser etnograficamente demonstradas e implicadas (cf. Strathern, 2018), o desafio que Grünewald parece nos colocar aponta para a necessidade não só de amerindianizar a teoria da ação social sobre a qual se fundamenta a noção de estética, conforme argumentei anteriormente, ou de preencher o conceito com critérios ameríndios, como demonstrado pelo texto de Pereira, mas o de compreender, em primeiro lugar, o que fazem relações em termos ameríndios. Se, por um lado, demandamos provincializar a noção de estética, por outro, é preciso “teorizar relações” em chave ameríndia, esforço já apontado por González Gálvez, Di Giminianni e Bacchiddu (2019).

Antes de mais nada, é preciso se precaver do idioma da convenção ou da tradição que parece estar por trás da ideia de “estética apropriada”, e nossas colaboradoras parecem ser unânimes quanto a isso: seja na moralidade mbya, seja na inventividade das criações guarani, *qom* e kadiwéu, seja na condução das transformações ayoreo, sempre há, na propriedade das formas, uma dinâmica de inventividade. Nesse sentido, estética também precisa indicar invenção. No entanto, o que Grünewald parece enfatizar, com muita razão, é o modo em que correm as disjunções através das quais conexões etnográficas precisam ser feitas. Em outros termos, nos obriga a refletir sobre como compatibilizar interpretações melanésias, ameríndias e antropológicas sobre o que são interpretações (ou relações, se assim quisermos) para, então, tratar de suas formas.

Esse também parece ser o argumento do artigo de Strathern que compõe esse dossiê. Nele,





a autora revela que “os efeitos estéticos emergiram simultaneamente como um registro de certas formas locais (de ser, agir) e como um registro das intenções expositivas da escritura antropológica” (Strathern, 2020: 2). Isto é, estética é um conceito descritivo que fala sobre *formas* locais (melanésias no seu caso, ameríndias no nosso) através de *formas* antropológicas, isto é, enquanto elaborações de uma etnógrafa que apresenta relações de modo que elas se tornem convincentes. Dito isso, não podemos se não concordar com as elaborações de Grünewald.

O autor apresenta, através das elaborações de uma teoria ayoreo da pobreza, uma possível saída. Tendo em vista um sistema de oposições que incluem pobres, brancos, indígenas e sacerdotes, o argumento de Grünewald é o de que o ser pobre dos Ayoreo aponta para a passagem de uma posição a outra, menos com a intenção de substituir um determinado quadro conceitual do que o de se engajar com outro circuito de afecções – e, portanto, de relações. Nesse sentido, o problema explorado pelo autor aponta para um tipo de processualidade ontológica que articula o interior com o exterior do *socius* ayoreo e permite apreender topologias sociais não ayoreo que se dão através de materialidades e atravessamentos distintos. Em suas palavras, corresponderia a “[...] um modo específico de projetar-se na alteridade, de modo que o que se experimentaria ao se dizer ‘pobre’ é uma nova posição perante Outrem, sobredeterminada no pensamento ayoreo por uma vontade de alteração” (2020: 16).

Frente a isso, o redimensionamento das relações em termos ameríndios exigiria fazer da estética não apenas uma expressão sobre a elicitación das formas (melanésias, antropológicas e/ou ameríndias), mas um registro sobre o engendramento de novos mundos. Nos argumentos de Grünewald, quando as pessoas ayoreo falam de si mesmas como pobres não apontam somente para a ênfase numa e não em outra forma social – em certa medida já prevista –, mas no engajamento com outro mundo em que todas as formas e conceitos continuam existindo, mas com referência a coisas distintas.

Os textos do dossiê recuperam a centralidade da relação com a alteridade no exercício da ação política ameríndia. Não que a diferença não seja central nas relações melanésias; Strathern (2009) nos mostra que o são. No entanto, o que está aqui em questão é do que estão feitas essas diferenças e que outras diferenças elas vinculam. O alerta de Grünewald e as elaborações que acompanhamos nesse dossiê parecem nos indicar que uma metodologia estética para tratar dos materiais ameríndios precisaria estar informada por uma processualidade ontológica associada à economia das perspectivas. De certo modo, o ponto retoma outro, já detectado por Olivier e Neurath (2017): tornar algo visível é um ato poderoso na medida em que engendra atravessamentos ontológicos. Para reformular uma máxima de Lima (1996), quando as *formas* ameríndias mudam, o mundo já é outro.

Espero que a leitura dos textos, preparados com rigor e generosidade por nossas colaboradoras, incitem ideias, dificuldades e potenciais para as empreitadas das descrições americanistas. Agradeço, então, a colaboração e a inventividade de Vicente Pereira, Florencia Tola, Sonia Sarra, Raquel Duran, Leif Grünewald, Marilyn Strathern e Andrew Moutu. Espero, além disso, que as

traduções feitas pela equipe da *Maloca*, um texto de Strathern que antecede alguns dos seus argumentos estéticos, e outro, de Anne-Christine Taylor, que ensaia o problema do aparecimento de relações através de uma teoria jívaro da ação, vinculando humanos e não humanos, nos ajudem a vislumbrar problemas, não para descartá-los ou contorná-los, mas para neles investir, imaginando que a concepção e o cuidado com os problemas é um tipo valioso de postura epistemológica (cf. Haraway, 2016). Afinal, como nos ensina *Passos*, a resposta poética de Moutu (2020: 1) ao texto de Strathern (2020) e que encerra esse dossiê,

Aquele que vê um passo ou ouve o som de um está ou entre, ou perto dos outros dois.
Em tempo, há passos que vêm atrás dos seus.

Referências Bibliográficas

- Barcelos Neto, Aristóteles. 2008. *Apapaatai: Rituais de Máscaras No Alto Xingu*. São Paulo: Fapesp: Edusp.
- Bonilla, Oiara. 2005. “O Bom Patrão e o Inimigo Voraz: Predação e Comércio Na Cosmologia Paumari.” *Mana* 11(1): 41–66.
- Clastres, Pierre. 2013. *A Sociedade Contra o Estado*. São Paulo: Cosac Naify.
- Descola, Philippe. 2011. *La Fabrique Des Images. Visions Du Monde et Formes de La Représentation*. Paris: Musée du quai Branly.
- Duran, Maria Raquel da Cruz. 2017. *Padrões Que Conectam: O Godidigo e as Redes de Socialidade Kadiwéu*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Duran, Maria Raquel da Cruz. 2020. “Godidigo Na Pele: Alcances e Limites Da Estética Na Ontoepistemologia Ejiwajegi/Kadiwéu.” *Maloca: Revista de Estudos Indígenas* 3: 1–27.
- Escobar, Arturo. 2017. *Autonomía y Diseño. La Realización de Lo Comunal*. Buenos Aires: Tinta Limón.
- Fausto, Carlos. 2008. “Donos Demais: Maestria e Domínio Na Amazônia.” *Mana* 14(2): 329–66.
- González Gálvez, Marcelo; Di Giminiani, Piergiorgio; Bacchiddu, Giovanna. 2019. “Theorizing Relations in Indigenous South America: An Introduction.” *Social Analysis* 63(2): 1–23.
- Grünewald, Leif. 2020. “‘Apenas Pobres’: Um Conceito Antropológico de Pobreza Do Ponto de Vista Ayoreo (Alto





Paraguay).” *Maloca: Revista de Estudos Indígenas* 3: 1–19.

Guerreiro, Antonio. 2018. “Chefia e Política Na América Do Sul Indígena: Um Balanço Bibliográfico Para Além Do Modelo Clastreano.” *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB* 87: 41–70.

Haraway, Donna. 2016. *Staying with the Trouble. Making Kin in the Chthulucene*. Durham & London: Duke University Press.

Kelly, José Antonio; Matos, Marcos de Almeida. 2019. “Política Da Consideração: Ação e Influência Nas Terras Baixas Da América Do Sul.” *Mana* 25(2): 391–426.

Kopenawa, Davi; Albert, Bruce. 2015. *A Queda Do Céu: Palavras de Um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

Maciel, Lucas da Costa. 2018. *Siuatamatik, Ou Ser Como Mulher: Afeto, Gênero e Sexualidade Nahua Na Produção Do Corpo Kuilot*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Madi Dias, Diego. 2017. “A Aliança Enquanto Drama: Est/Ética Da Masculinidade No Contexto de Uma Economia Afetiva Uxorilocal (Guna, Panamá).” *Mana* 23(1): 77–108.

McCallum, Cecilia. 2001. *Gender and Sociality in Amazonia: How Real People Are Made*. Oxford: Berg.

Moutu, Andrew. 2020. “Passos.” *Maloca: Revista de Estudos Indígenas* 3: 1–2.

Olivier, Guilhem; Neurath, Johannes. 2017. *Mostrar y Ocultar En El Arte y En Los Rituales: Perspectivas Comparativas*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.

Pereira, Vicente Cretton. 2020. “Não Vamos Errar o Bom Caminho: Notas Para Uma Estética Mbya Guarani.” *Maloca: Revista de Estudos Indígenas* 3: 1–17.

Perrone-Moisés, Beatriz. 2011. “Bons Chefes, Maus Chefes, Chefões: Elementos de Filosofia Ameríndia.” *Revista de Antropologia* 54(2): 857–83.

Soares Pinto, Nicole. 2018. “Uma Incontornável Diferença: Parentesco Nas Terras Baixas Da América Do Sul (1996-2016).” *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais - BIB* 87(3): 105–32.

Strathern, Marilyn. 1999. “No Limite de Uma Certa Linguagem.” *Mana* 5(2): 157–75.

Strathern, Marilyn. 2009. *O Gênero Da Dádiva: Problemas Com as Mulheres e Problemas Com a Sociedade Na Melanésia*. Campinas: Editora da Unicamp.

Strathern, Marilyn. 2014. *O Efeito Etnográfico e Outros Ensaio*s. São Paulo: Cosac Naify.

Strathern, Marilyn. 2015. *Parentesco, Direito e o Inesperado: Parentes São Sempre Uma Surpresa*. São Paulo: Editora Unesp.

Strathern, Marilyn. 2018. "Opening up Relations." *A World of Many Worlds*, eds. Marisol de la Cadena and Mario Blaser. Durham: Duke University Press, 23–52.

Strathern, Marilyn. 2020. "Refletindo de Volta." *Maloca: Revista de Estudos Indígenas* 3: 1–10.

Sztutman, Renato. 2012. *O Profeta e o Principal: A Ação Política Ameríndia e Seus Personagens*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.

Tola, Florencia; Sarra, Sonia. 2020. "Las Formas Figuradas de Las Relaciones Entre Humanos y No-Humanos Entre Los Qom y Los Guaraní Del Chaco Argentino." *Maloca: Revista de Estudos Indígenas* 3: 1–30.

Viveiros de Castro, Eduardo. 2004. "Perspectival Anthropology and the Method of Controlled Equivocation." *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America* 2(1): 3–22.

Wagner, Roy. 2012. *A Invenção Da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

